

O Método Difraccional como Tecnologia Queer de Imaginação: articulando promessas monstruosas, naturezas alienígenas e virtudes ciborgues

The Diffractive Method as Queer Imagination Technology: articulating monstrous promises, alien natures and cyborg virtues

Resumo

A partir de um mergulho na obra *The Promises of Monsters* de Donna Haraway, buscamos explorar seu uso de uma versão ciborgue do quadrado semiótico de Greimas como uma tecnologia de imaginação. Seguindo quatro “lógicas” distintas, a autora pretende refigurar a natureza, procedimento que expõe seu método difraccional. Tencionamos seguir de perto as operações propostas por Haraway, o que nos permitirá destacar seu método como uma tecnologia para a geração de mundos coerentes com imaginários neo-materiais, ciborgues, SF, teratológicos e impróprios/inapropriados /inappropriate/d. Aquilo que de mais promissor nos oferecem as figuras monstruosas de Haraway é um método para seguir potencializando as virtudes fabulativas de nossa imaginação: o método difraccional como um dispositivo queer para trans-visualizar e trans-situar o tríptico tecno(-político)-científico real/natural/material no bucho da besta da nova ordem mundial.

Palavras-chave: difração; tecnologia de imaginação; novos materialismos; Haraway; monstro; ciborgue.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). matheushmf01@gmail.com

Abstract

Delving into Donna Haraway's The Promises of Monsters, we seek to explore her use of a cyborg version of Greimas semiotic square as a technology of imagination. Following four distinct "logics," the author aims to reconfigure nature, a procedure that exposes her diffractive method. We intend to closely follow the operations proposed by Haraway, which will allow us to highlight her method as a technology for generating worlds consistent with neo-material, cyborg, SF, teratological, and inappropriate/d imaginaries. The most promising element offered by Haraway's monstrous figures is a method for amplifying the ongoing fabulative virtues of our imagination: the diffractive method as a queer device for trans-si(gh)ting the real/natural/material techno(-political)-scientific triptych in the belly of the new world order monster.

Keywords: diffraction; imagination technology; new materialisms; Haraway; monster; cyborg.

1. Introdução: um método prometido por monstros

Buscamos aqui explorar, a partir de um mergulho cuidadoso na obra de Donna Haraway *The Promises of Monsters*¹, seu uso de uma versão ciborgue do quadro semiótico de Greimas como uma tecnologia de imaginação. Em suas mãos, essa ferramenta analítico-conceitual devém um dispositivo de mobilização de novas fabulações especulativas e práticas crítico-criativas de leitura da realidade e, em particular, da natureza. Metodologicamente, tal uso exemplifica e inaugura o procedimento que a autora chama, em clara provocação à tradição crítico-reflexiva², de *difração*, o qual será posteriormente desenvolvido sob

1 Haraway, D. *The Promises of Monsters: a regenerative politics for Inappropriate/d Others*. In: _____. *The Haraway Reader*. New York & London: Routledge, 2004, p. 63-124.

2 Seguindo Haraway (*A Game of Cat's Cradle*, em *Configurations*, v.2, n.1, p. 59-71, 1994), sua abordagem mantém a "visão crítica" no sentido de um compromisso com a "negatividade", um "compromisso incansável de mostrar que a desordem estabelecida não é necessária, nem mesmo talvez 'real'" e que o "mundo pode ser outramente [otherwise]" (ibid., p.62-3). Essa visão crítica, contudo, não precisa ser limitada pelo modelo "reflexivo", mas deve tomar a difração — "a prática não-inocente e complexamente erótica de fazer uma diferença no mundo, em vez de deslocar o mesmo para outro lugar" (ibid., p.63) — como chave para uma "alta' teoria" crítica cuja negatividade é extrapolada no projeto de nos orientar (ou re-orientar ao des-orientar pela negação da ordem estabelecida) "em direção à esperança no meio de tempos permanentemente perigosos" (ibid., p.63).

o mesmo nome por Karen Barad³ e (re)integrado por Haraway ao conjunto mais amplo de técnicas SF de figuração⁴.

Na física, a difração é um fenômeno resultante do encontro de ondas com um obstáculo e/ou da superposição de ondas. Na perspectiva quântica destacada por Barad, há uma “difratividade intrínseca a conjuntos de ondas, a ondas únicas, e partículas únicas, sob as condições (experimentais) corretas”⁵. A teoria feminista(-materialista) faz uma apropriação própria do termo *difração*, usando-o para “denotar um modo de consciência e pensamento mais crítico e atento a diferenças”, o qual Geerts e Tuin veem como tendo aparecido inicialmente na obra de Haraway e Minh-ha. Curiosamente, as autoras apontam essa origem na obra de Minh-ha, apesar de a autora não ter usado essa palavra. O conceito estaria latente em sua obra, uma vez que sua “conceitualização difrativa de identidade e diferença enfoca um modelo não-dualista e não-separacional de identidade e diferença, em que categorias identificadoras, grupos identificados e até entidades singulares identificadas, se cruzam”⁶, gerando co-interferências imaginativas e figurativas, posto que as próprias imagens/figuras produzidas apenas adquirem estabilidade no interior da configuração que as faz difratar umas em relação às outras.

Como pretendemos de-*monstrar* ao longo do texto, o primeiro uso mais sistemático dessa tecnologia de imaginação por Haraway associa a difração a monstros, aliens, ciborgues, comunidades indígenas, pessoas com AIDS

3 Barad, K. *Meeting the Universe Halfway*. Durham & London: Duke University Press, 2007.

4 A difração integra o rol de técnicas que Haraway chamará mais tarde de SF (acrônimo para *science fiction*, *speculative feminism*, *speculative fabulation*, *scientific fabulation*, *string figures*, entre tantos outros até agora/so far). Tornar explícitos os vínculos entre ciência especulativa e ficção fabulatória é uma de suas funções. Criar uma “lente metodológica” que permita (re)ver o mundo, refigurar sua materialidade ou reconfigurar o “arranjo transcendental” das experiências possíveis. A difração — e sua capacidade SF sin’fraccional, de fazer ver sinopticamente imagens/figuras/tropos antes isoladas — é explorada como método cuir-neo-materialista nos trabalhos recentes de Ferreira (*Por uma Transcritica Materialista*, de 2025) e Silva (*O Método FC da Simpoiese*, de 2024). Silva explora bem a dinâmica tradutória entre SF/FC, traduzindo as *string figures* SF como “figuras de corda” FC, o que mantém também o jogo entre *Science fiction/fact* e as traduções “ficção/fato científico”. Já Ferreira vê os métodos SF/FC de Haraway como mais um modo de iteração reinventiva de seu método difraccional, o qual é nosso objeto central neste artigo.

5 Geerts, E.; Tuin, I. Van Der. *Diffraction & Reading Diffractively*. *Matter*, v.2, n.1, pp.173-77, 2021. p.173.

6 Ibidem, p.174.

e outros impróprios/inapropriados/*inappropriate/d*⁷. Ao acompanhá-la em seu complexo arranjo de figuras (im)próprias, torna-se possível visualizar e situar o dispositivo difraccional em seu processo artefactual de constituição e de cuirização do que “nos parece natural”.

2. Por uma de-monstração cuir do aparato difraccional

Partindo de uma leitura neo-materialista e teratológica⁸, podemos dizer que iniciamos aqui a *de-monstração*, uma apresentação do processo de produção de monstros, esses seres que violam as formas “naturais” de nossa reconhecimento (como os aliens/*xenos* e os des-viados/*queer*⁹). Em *The Promises of Monsters*, somos conduzidos por essas novas figuras estranhas e monstruosas, os outros impróprios/inapropriados/*inappropriate/d*, por um “exercício de mapeamento e diário de viagem através de paisagens mentais e mundanas [*mindscares and landscapes*] do que pode contar como natureza em certas lutas locais/globais”¹⁰.

7 *Inappropriate/d others* é um conceito que Haraway toma emprestado (ou seria “toma difratado?”) de Trinh Minh-ha. É difícil traduzir esse jogo linguístico que parece apontar tanto para algo impróprio ou inadequado/*inappropriate*, como para algo que é inapropriado/*inappropriated*. Semanticamente ambos os sentidos são muito próximos, o que parece indicar que o interesse do jogo está na mudança de “posição sintática” desses outros, ou seja, ora eles são adjetivados como impróprios (uma *propriedade* desses sujeitos), ora como inapropriados (um adjetivo que é também participio de um fabulativo verbo *inapropriar*), ou seja, como aqueles feitos impróprios por outros, sujeitos passivos da ação. O jogo feito com a barra não deixa de mostrar a complexa dinâmica entre *ser impróprio/ser feito inapropriado*, dois processos que de algum modo sempre se atravessam. Inapropriados também podem ser, em nossa língua, aqueles destituídos de propriedade (do que lhes é próprio), o que gera uma interessante sobreposição com *desapropriados*. Os despossuídos (também um romance de Ursula Le Guin), feitos impróprios pelo sistema capitalista de produção de mercadorias-apropriadas, possuem tão somente seus corpos, sua força de trabalho para vender. Sujeitos *inapropriados*, eles talvez sejam os únicos *apropriados* para a tarefa de gestar um novo mundo: uma tarefa que, seja na obra de Le Guin, na de Marx ou de Haraway, sempre envolve um importante componente-SE.

8 Braidotti, R. Teratologies. In: Buchanan, I.; Colebrook, C. (eds). *Deleuze and Feminist Theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000. pp. 156-172.

9 Estando em diálogo com Haraway, uma autora tão sensível às nuances do uso de palavras e das figuras que estas invocam, nos vemos obrigados a fazer o mesmo em nossas operações tradutórias. Para seguir jogando uma “cama de gato” (não apenas) figurativa com a autora, recorremos com frequência ao recurso de manter palavras usadas no original em inglês, ao lado de palavras próprias de nossa língua, onde podemos experimentar com criações fabulativas outras. Isso também é uma tecnologia de imaginação — assim como a “/” que usamos para mantê-las juntas-separadas, como diria Barad — com consequências ético-estético-políticas.

10 Haraway, D, op. cit., 2004, p.63.

Seguindo este exercício, inicia-se uma operação para “escrever teoria; isto é, para produzir uma visão padronizada de como se mover e o que temer na topografia de um impossível, mas tão-demasiadamente-real [*all-too-real*] presente, a fim de encontrar um ausente, porém talvez possível, outro presente”. Mapeando terras de monstros (para além dos limites cartografados onde se pode ler “*hic sunt dracones*/aqui há dragões”) e adentrando o território de um “incansável artefactualismo”, a prática teórica tem por fim “orientar”, gerar “esboços para viagem”¹¹. É fato que Haraway, em sua prática material-semiótica transfigurativa, produz desorientações em inúmeros momentos, contudo estas funcionam como ferramentas de abertura do possível — de *de-monstração* do meio artefactual em que nossos dispositivos fazem diferença sobre o que pode ou não ser visto/situado/inteligido —, proibindo “quaisquer visualizações/situações/*si(gh)tings* diretas da natureza” e nos *reorientando* “para um lugar científico-ficcional, especulativo factual, SF, chamado, simplesmente *elsewhere*/outro-lugar”¹².

As teorias desenvolvidas como promessas de monstros impróprios são dispositivos óptico-situantes/*si(gh)ting devices*; são instrumentos ópticos e alavancas de câmbio de sujeitos (os que observam) e assuntos (os que são observados) /*subject-shifters*. Ao produzir “efeitos de conexão, de corporificação e de responsabilidade” em relação a esse outro-lugar/*elsewhere* — em vez do distanciamento tradicional entre sujeito-objeto¹³ —, tais instrumentos nos fornecem insumos para navegar esses territórios não mapeados através de um artefactualismo reflexivo, que nos permite manipular o olhar/*gaze*, nos mover articuladamente e visualizar possibilidades outramente/*otherwise*.

A teoria difraccional, nesse ínterim, não é uma proposição metafórica, mas um destes aparatos de visualização/situação, um ponto possível para retorcer a tradição crítico-reflexiva e abrir possibilidades de ler simultânea e transversalmente suas autoras. Rever a história da crítica e da reflexão através de um ponto de vista outro, não natural — ou apenas tão natural quanto qualquer outro construto/artefato de natureza. Associamos aqui também a teoria *queer*/cuir ao movimento difraccional, tendo em vista seu estatuto como tecnologia de intervenção, subversão e (re)criação de corpos (objetivados ou subjetivados) cuja “natureza” é determinada como legítima (ou não) ou inteligível (ou não).

11 Idem.

12 Idem.

13 Ibidem, p. 64.

É aí que o *cuir/queer*¹⁴ e sua insistência em uma *performatividade ilimitada/unbounded* — pois se apresenta nas práticas linguísticas, político-econômicas, sócio-sexuais, mas também nas tecno-científicas, naturoculturais e epistem'ontológicas¹⁵ — se colocam como alavancas de uma problematização e reconfiguração permanentes das práticas e figuras que ordenam nossa co-existência corporal. Retroativamente, o *cuir*, e seu potencial performativo-difracional de adulteração/subversão das realidades tidas como dadas e acabadas, se mostra como caráter determinante da história de tecnologias de imaginação e, portanto, como um ponto necessário e condicionante da refiguração de nossas imagens da natureza, da matéria ou do “real”. Não é à toa que Haraway diz: “cuirizar/*queering* o que conta como natureza é o meu imperativo categórico”¹⁶.

Para além dos tropos-(i)luministas-heliotrópicos, é possível encontrar outros tropos-situantes-visualizantes a partir da “visão” (neo-)material dos estudos das ciências como estudos culturais (e da ciência como cultura; e do estudo da cultura como ciência). Um geo-tropismo, ou *mater*-tropismo, quiçá *hylo*-tropismo, nos conduzindo por *Terra*¹⁷, sua matéria (que é nossa matriz, útero monstruoso de nossa geração xenogenética) e suas florestas humíferas (cheias de composto material denso de espécies companheiras) para o tropeamento artefactual de sua natureza. O caminhar (des)orientado por uma paisagem revirada pelo giro/*tropos* (neo-)material é um modo de se encontrar e se embrenhar por essa natureza monstruosa de figuras outras, e vislumbrar a estranheza/*queerness* no seio de nosso — em geral tomado por dado — trípico natural-real-material. Para Haraway, o tropear/*troping* — o uso de tropos e figuras, técnicas de refiguração e (re)imaginação fabulativa — artefactual da natureza se refere ao processo de confecção/*making* da natureza como “ficção e fato”; ao modo como organismos “são feitos/confeccionados/*made* em práticas tecnocientíficas transformadoras-de-mundos por coletivos de agentes particulares em tempos e espaços particulares”¹⁸. Aqui, no bucho da besta/

14 Nessa intervenção transliterativa do *queer* ao *cuir*, seguimos Sayak Valencia, *Do Queer ao Cuir*, *Caderno Espaço Feminino*, v. 36, n. 1, p.14-35. 2023.

15 O uso do termo epistem'ontológico aqui é proposital, usando a apóstrofe para marcar um acoplamento lexicamente delicado entre as dimensões ontológica e epistemológica.

16 Haraway, D, op. cit., 1994, p.60.

17 O território n-dimensional fabulado por Haraway através de sua equação especulativa para Terrápolis em *Staying with the Trouble*, Durham & London: Duke University Press, 2016, p. 11.

18 Haraway, D, op. cit., 2004, p.65.

belly of the monster — a Nova Ordem Mundial Inc.¹⁹ ou o mundo do -*Ceno* de muitos pré-nomes²⁰ —, a matéria parece infinitamente maleável, o humano capaz de reinvenção permanente de si e a natureza *des-naturada* pela antropização urbano-agro-pecuária. Feita à imagem e semelhança da produção de mercadorias/*commodities* (em uma sociedade da mercantilização de imagens e imagificação de *commodities*), “nossa” natureza não foi tão bem des-naturada/des-naturalizada. Ela passou, sim, por um modo “*particular de produção da natureza*”²¹, o paroquial (contudo supostamente universal) modo ocidental-patriarcal-antropocêntrico-tecnofílico da civilização da mercadoria.

Para desvincular/*unbind* a visão artefactualista da natureza do produtivismo tecno-científico-capitalista, Haraway sugere duas viradas/*turns*: nos descegar/*unblind* do paradigma heliotrópico-iluminista da racionalidade, ciência e tecnologia; e refigurar os atores que podem participar na construção das categorias etno-específicas de natureza e cultura. “A natureza [como] lugar-comum/*commonplace*” — essa geo- ou hilotrópica natureza, em vez de heliotrópica — é “uma cultura pública, possui muitas casas com muitos habitantes que/quem podem refigurar a terra”²². Isso já é alterar os atores e alterar os construtos categoriais de natureza e cultura. Sobre descegar-se da racionalidade heliotrópica, esta tarefa já envolveria a saída do “*mythos*/mito da transcendência iluminista”, essa grande história/*story* do (auto-)produtivismo-humanista com sua antropogênese pelo uso e confecção de ferramentas, e com sua narrativa da transformação do humano em ferramenta de sua autocópia autotética: o *mythos* do homem *self-made*, aquele que acessa o maravilhoso mundo da tecnologia através de sua “auto-partição/*self-splitting*” pela entrada na “linguagem, luz e lei”²³ que é constitutiva de sua subjetividade (transcendental).

O artefactualismo que a autora pretende articular em meio a outros impróprios/inapropriados depende, para se desvincular desse mito de lei-lingua-e-luz, de uma perspectiva “diferencial/oposicional”, a qual faz tropo com

19 Haraway, D. *Cyborgs and Symbionts: Living Together in the New World Order*. In: Gray, C. (Ed.). *The Cyborg Handbook*. New York & London: Routledge, 1995. pp.xi-xx.

20 Haraway, D, op. cit., 2016, pp. 30-57.

21 Haraway, D, op. cit., 2004, p.66.

22 Ibidem, p.67.

23 Idem.

Beauvoir ao afirmar que “organismos não nascem, mas se fazem/*are made*”²⁴. Os organismos são produtos do discurso técnico-natural biológico, ou seja, de um determinado conjunto de práticas de composição de mundo, no qual participam. Eles fazem parte de uma natureza que não é nem pré-discursiva, nem um produto ideológico, mas um artefato/construto que é efeito de interações entre agentes materiais-semióticos. As estruturas assimétricas desse espaço comum/*common place* (a natureza) são responsáveis por implementar a situação/visualização/*si(gh)ting* dos corpos/objetos/entidades que são os distintos organismos. Tais estruturas podem ser também pensadas como as “línguas” do mundo, “um mundo como agente astuto e ator”²⁵, um mundo corporificado tal qual o coioite/*trickster*²⁶, de forma inconstante, multifacetada, proteana. Essa já é uma imagem estranha/*queer*: uma natureza *trickster/malandra* que, em seu artefatuismo histórico, tem participado como agente fugidio na produção de mundos antropoides desde que esta família primata começou a andar sobre *Terra*. Nossa experiência dessa natureza não tem sido uma reflexão contemplativa, mas uma complexa mediação sócio-técnica que padroniza e organiza nossas experiências, um modo de interação que passa por uma cultura científica de contestação, a qual é tanto capaz de reproduzir as imagens do mesmo no grande quadro de nossa própria reprodutividade sócio-técnica; quanto de gerar *polimórficas novas formas* de existência.

Substituindo o “mito das Luzes”, cuja ciência escapa de qualquer responsabilidade em seu autoencerramento, temos a ciência “contestável e contestada”,

24 Idem. Talvez “são feitos” seja a tradução “mais literal”, contudo, coerente com a perspectiva harawayana sobre a agência organismica e com a citação parafraseada de Beauvoir, preferimos “se fazem”, crendo que a escolha da autora por “*are made*” é apenas para manter o paralelismo sintático com “*are born*” (que se traduziria “literalmente” por “são nascidos”, mas cuja tradução “preferida” para o português é “nascem”).

25 Ibidem, p.68.

26 Para muitos dos povos ameríndios norte-americanos, o Coyote é uma figura *trickster*, poderoso e criativo, ele tem sua própria agenda: não está contra, nem a favor dos humanos, mas tece com eles tramas relacionais singulares. Por isso, Haraway costuma invocar essa figura em seu pensamento cuirizado da natureza, tornando-a um ser que não é passivo, nem um mecanismo de relógio. A natureza “astuta como o coioite/*wily as Coyote*” tem uma agência própria, outra, com a qual precisamos aprender a lidar com cautela. Parentes próximos dos cães — os *Canis latrans* compartilham até seu gênero com nossos canídeos familiares —, é possível encontrar na história da co-evolução hominídea-canídea a mesma agência *malandra/trickster* por parte de nossos parceiros — jamais passivas bestas domesticadas, sempre co-atores na histórica coreografia co-evolutiva. Ver Haraway, D., *The Companion Species Manifesto*, Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

cujo mito é um de “considerabilidade/*accountability*”²⁷ e responsabilidade por traduções e solidariedades conectando as visões cacofônicas e vozes visionárias que caracterizam os saberes dos corpos marcados da história”²⁸. A investigação se volta então menos para a autoprodução do Eu/Self/Sujeito, e mais para “como elus/nós/isso/*they/we/it* [a multidão de agentes heterogêneos] vêm ao mundo e como elus/nós/isso/*they/we/it* são reformados”. Os dispositivos ópticos do artefactualismo diferencial de Haraway não reproduzem o mesmo por uma racionalidade reflexiva, mas “compõem padrões de *interferência*” por ação difraccional²⁹.

O modo de fazer o artefactualismo heliotrópico e autotélico do *anthropos* de- vir um artefactualismo-outro, diferencial, hilotrópico e “sin-télico” é por meio da operação difraccional que, associada à noção de “outro impróprio/inapropriado/*inappropriate/d*” de Trinh Minh-ha, indica uma “diferença crítica interna [*within*]”³⁰, uma produção do outro-lugar/*elsewhere* a partir dos estranhos (e estranhados) espaços já “maculados” pelo processo que se pretende criticar:

*ser um “outro impróprio/inapropriado/inappropriate/d” significa estar em relacionalidade crítica, desconstrutiva, em uma (racio)nalidade difrativa, em vez de reflexiva — como o meio de fazer conexões potentes que excedem a dominação. Ser impróprio/inapropriado não é caber no táxon, [...] é ser nem moderno, nem pós-moderno, mas insistir no amoderno. Trinh buscava um modo de figurar a “diferença” como uma “diferença crítica interior/within”, e não como traços taxonômicos especiais fundando a diferença como apartheid. Ela escrevia sobre pessoas; me pergunto se as mesmas observações podem valer para humanos e para os não-humanos tanto orgânicos, como tecnológicos.*³¹

27 Optamos por não traduzir *accountability* aqui como responsabilidade, devido ao uso da mesma palavra logo em seguida. Essa é uma palavra de difícil tradução e que já é comumente usada em inglês em determinados contextos, fazendo referência, por exemplo, em contextos políticos, a uma necessidade de *prestar contas*, e portanto, tendo um sentido similar ao de responsabilidade. Aquele que é *held accountable* é levado a prestar contas, cobrado por aqueles em relação aos quais ele possui alguma responsabilidade ou obrigação (jurídica, moral ou “material”). A opção por *considerabilidade* segue aquela feita por Marçal em recente tradução de texto de Barad, *Performatividade queer da natureza*, RBEH, v.3, n.11, p. 300-346, 2020.

28 Haraway, D, op. cit., 2004, p.69.

29 Idem.

30 Ibidem, p.69-70.

31 Idem.

O aparato óptico difrativo é o que permite ver, de dentro do espaço que já ocupamos (este problemático e tão-humano mundo), um mundo-outro, ou um mundo visto pela *torção de nossas lentes*: ver estranhamente/obliquamente/outramente/*queer-wise/otherwise*³². Aqui, Haraway parte desses outros feitos impróprios por seus cenários de opressão patriarcal e colonial para de-monstrar os limites da “própria” *impropriedade* que isola a maioria dos seres não-humanos de qualquer possibilidade de agência e, portanto, da própria possibilidade de que ocupem um estatuto de apropriados/*appropriate*. Apenas como propriedade de um sujeito humano, podem os não-humanos “falar”; é pela apropriação que se tornam impróprias quaisquer outras figuras de seus modos de existência. “Se narrativas patriarcais ocidentais contaram que o corpo físico resultou de um primeiro nascimento, enquanto o homem foi o produto de um segundo nascimento heliotrópico” (dado à luz pelas lúzes da razão), os outros *impróprios/inapropriados/inappropriate/d* seriam dados à luz de um outro-lugar/*elsewhere* “composto por padrões de interferência”, um mundo-SF resultante de “uma alegoria feminista diferencial e difraccional”³³ — quiçá um terceiro nascimento, *tertium datur*.

Difratando, treina-se uma “visão mais sutil”, capaz de mapear os efeitos interferentes das diferenças. A visão difraccional é um procedimento SF — “ficção científica, futuros especulativos, fantasia científica, ficção especulativa” —, talvez o único capaz de “conduzir uma investigação sobre o artefactual como uma tecnologia reprodutiva que pode gerar [*issue*] algo distinto da imagem sagrada do mesmo, algo impróprio/*inappropriate*, descabido/*unfitting* e, portanto, talvez, *inapropriado/inappropriated*”³⁴. Esses novos sujeitos sociais impróprios/

32 É relevante destacar aqui que *to queer* e *torquere* (em latim, de onde vem *torcer* em português) são verbos que compartilham uma mesma raiz proto-indoeuropeia: *terkw*, isto é, virar, torcer, girar. Assim, torcer as lentes e fazer difratar os raios de luz é uma atividade de cuirização; e o próprio aparato óptico difratante, o quadrado semiótico-ciborgue de Haraway em sua capacidade de nos fazer ver estranha, oblíqua e retorcidamente, é um aparato *cuir/queer*. A difração, como método explicitado pelos movimentos do quadrado semiótico-ciborgue, é, portanto, uma tecnologia *queer* de imaginação em sua capacidade de gerar novas e impróprias figuras do real, da natureza e da matéria. Assim, mesmo que ao longo das próximas seções do artigo a palavra *queer/cuir* não faça uma aparição, ela estará sempre implicitamente manifesta nas noções de difração, torção, demonstração ou inapropriação/impropriedade.

33 Ibidem, p.70.

34 Idem. Nas palavras da própria Minh-ha, a *impropriedade/inadequação/inappropriate(d)* *ness* toma forma a partir de “ao menos quatro gestos simultâneos: o de afirmar ‘eu sou como você’, enquanto se persiste em sua diferença; e o de insistir ‘eu sou diferente’, enquanto se desestabiliza/perturba/*unsettle* todas as definições e práticas de alteridade a que já se chegou” (2005, p.129 apud Liu, *inappropriate(d) difference, Feminist review*, v.129, n.1, 2021). *Inappropriar/to inappropriate* *sig-*

inapropriados — habitantes de mundos-SF “estruturados por tecnociência transnacional” e cheios de fronteiras interpenetrantes “entre subjetividades/selves problemáticas e alteridades/others inesperadas” — são *interpelados pelas estruturas-SF* que os constituem em “posições subjetivas ciborgues” ali mesmo, bem no meio do bucho da besta/*within the belly of the monster*³⁵. “Uma posição subjetiva ciborgue resulta de e leva a uma interrupção, difração, reinvenção. Ela é perigosa e repleta de promessas de monstros”³⁶. Um modo impróprio de interpelar subjetividades, tal interpelação perturbadora/*disturbing* in-apropriada, por meio de superposições difrativas entre identidade/diferença, esses sujeitos, ao posicionarem-se nesse lugar de elus/nós/isso, em posições ciborgues-companheiras-ctônicas (os muitos impróprios *critters*/criaturas/bichos(as) de nossos mundos-SF ameaçados pela proliferante policrise planetária).

3. O Quadrado Semiótico e o Espaço Real de Terra

Para continuar a jornada e possibilitar essa “neonatologia de outros impróprios/inapropriados/*inappropriate/d*”³⁷, um ruidoso dispositivo artificial é convocado: o quadrado semiótico de Greimas, transformado em artefato ciborgue de quatro-quadras/*four-square cyborg* para usos amodernos. O aparato serve nesse texto de Haraway para fazer, explicitamente, *difratar figuras da natureza*, produzindo uma cadeia de relações recíprocas de contrariedade, implicação e contradição. Em sua aplicação *amoderna*, sem “inícios, iluminações/esclarecimentos /*enlightenments* e fins” — pois “o mundo sempre esteve no meio das coisas, em uma conversação desregrada [*unruly*] e prática” —, a forma da história/*story* gestada por esse dispositivo “terá uma geometria diferente, não a do progresso, mas da interação permanente e multi-padronizada” que produz mundos e vidas (não-só-humanos)³⁸.

nifica, desse modo, afirmar uma semelhança e uma diferença e perseverar na diferença diante da semelhança e desfazer os modos estáveis de diferenciação diante de seu (im)próprio diferenciar-se.

35 Idem.

36 Ibidem, p.117.

37 Ibidem, p.76.

38 Ibidem, p.77.

“[Q]uatro quadras/*four spaces* em separação diferencial, relacional”, usadas para explorar conflitos por significados e corporificações da natureza, (re) configurando um “mundo contestável coletivo” a partir de “estruturas de diferença”³⁹. O dispositivo ciborgue põe em relação os espaços real/externo/ interno/virtual encarnados nas figuras da Terra, do extraterrestre, do corpo biomédico e do SF (nomeados pela autora também como espaços A, B, não-B e não-A). O dispositivo inteiro, como exemplificação material-semiótica da difração que se dá no mundo, tem a forma da barriga do (im)próprio monstro — que é o nosso mundo. E, como ela, o dispositivo óptico tetra-quadrático está prenhe de possibilidades: são as *neonatologias* — uma para cada um dos respectivos espaços — do coletivo, de ETs e terráqueos, de corpos e de outros impróprios e inapropriados.

Como aparato difracional, o tetra-quadrado permite ver em relação essas *configurações espaciais e neo-natológicas da natureza*, o que gera uma imagem complexa do natural, simultaneamente cheia de potências metamórficas e de trechos fixados, inertes e ensimesmados, todas as seções cruzadas por quiasmas que recombina suas partes; em última instância, ela (a imagem da natureza) também abre a possibilidade da *transição para um elsewhere*, um espaço outro, inapropriado e impróprio, cujas propriedades são uma questão de articulações artefatuais por fazer em práticas SF. Ambas estas dimensões (a recombinacional ou quiasmática; e a imprópria articulatória do novo) nos interessam e são relevantes para o “método” difracional. Cruzando as fronteiras interativas e multi-padronizadas guardadas por este dispositivo, adentramos uma natureza outra...

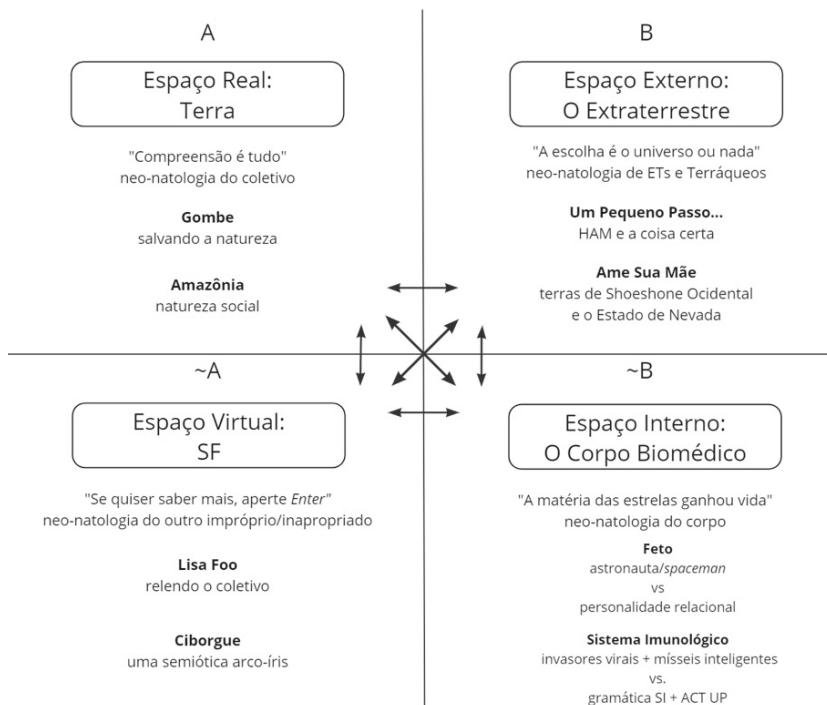
Os prazeres prometidos aqui não são aquelas fantasmáticas masculinistas libertárias da prática infinitamente regressiva de violação de fronteira/ boundary e o frisson de irmandade/brotherhood acompanhante, mas talvez apenas o prazer da regeneração em zonas fronteiriças/borderlands quiasmáticas e menos mortais. Sem origens fundacionais/grounding e sem os tropismos iluminantes e progressivos da história, como podemos mapear algumas possibilidades semióticas para outros deuses tópicos e lugares comuns [topick gods and common places]?⁴⁰

39 Ibidem, p.78.

40 Ibidem, p.79.

Cada quadrante do dispositivo produz uma difração própria, tomando uma determinada figura e perturbando-a com um jogo de lentes que a altera, que a faz difratar em relação a outras ondulações em seu meio. Os quadrantes também produzem um jogo entre si, conforme percebemos as relações entre essas distintas espacialidades, esses distintos modos de corte-e-colagem de *frames* sobre a natureza. Há tanto o jogo entre as negações colaterais (não-A, o espaço virtual tem essa relação negativa com o espaço real, A); como entre os quadrantes que fazem “asserções distintas” (entre A, o espaço real da Terra, e B, o espaço externo da extraterrestrialidade por se produzir). E há ainda o movimento entre os quadrantes, conforme figuras circulam entre eles, entrando e saindo do circuito, recompondo-se de tal modo a de-monstrar — apresentar-se como monstruosidade, incoerente para uma lógica qualquer, pois feita colcha de retalhos/*patchwork* de seções recombinantes — a presença da *lógica-difraccional* que permeia o circuito inteiro, todo o funcionamento do dispositivo ciborgue e SF que é o semiograma tetra-quadrático.

Figura 1 – Adaptação do dispositivo ciborgue-difracional de-monstrado por Haraway (2004, p.78), o qual remete ao quadrado semiótico de Greimas. Explicamos em detalhes no corpo do texto as operações postas em jogo por esse semiograma-fabulativo (SF) tetra-quadrático.



No primeiro quadrante, espaço real, da *neo-natologia do coletivo* em *Terra*, começamos com a figura da natureza originária e suas promessas de um retorno a um espaço edênico onde a alienada subjetividade humana se restauraria por sua fusão com essa “mãe natureza”. A figura analisada por Haraway traz uma mão (de um indivíduo branco) que segura aquela de um chimpanzé com a mensagem: “Compreensão é tudo”⁴¹. As duas mãos fazem o enlace metonímico entre a sociedade (humana) e a natureza (animal), de tal modo que essa mão *branca* posa de salvadora do mundo natural, ao mesmo tempo que é

41 Ibidem, p.80.

salva por este, se tornando a representante/*delegate* da missão secular-sagrada-ambiental (a missão de redenção dos homens brancos ao salvar a natureza “selvagem” dos territórios que eles mesmos colonizaram, enquanto destruíam os “biomas originais”). A mão do chimpanzé contém “todas as espécies ameaçadas, o terceiro mundo, as pessoas racializadas [*of color*], África, a terra ecologicamente ameaçada”, todos os que são localizados no domínio da natureza, pelo qual a ciência está autorizada a falar⁴² — mesmo que talvez apenas sob as autoridades petro-químico-financeiras que sustentam essa atividade e que pagaram pela imagem de propaganda que Haraway analisa.

Como fazer uma leitura “amoderna” do quadrante da Terra-Real? Na versão difratada dessa figura e narrativa, “não haverá Adão — nem Jane — que pode nomear todos os seres no jardim”; não há jardim, nomes ou toques originais/originários, uma vez que essa história/*story* parte de uma pergunta que cinde o modelo que opõe origem representada e cópias representantes: “há uma diferença consequente entre uma semiótica política de articulação e uma semiótica política de representação?”⁴³. Passando da figura da natureza-salva à da “natureza social”, passa-se de uma política de “parques nacionais e reservas isoladas” a outra, com “uma organização diferente de terra/*land* e pessoas, onde a prática da justiça reestrutura o conceito de natureza”⁴⁴. Se a “natureza” (como o ‘homem’) é uma dessas construções discursivas que opera como uma tecnologia para fazer o mundo à sua própria imagem⁴⁵, então sua reconcepção difrativa não pode deixar de provocar a transição do mundo a um estado de abertura a articulações e rearticulações — em vez do espaço cindido entre a originária e inatingível natureza e a *pólis* dos seres dotados de razão, que a representam em suas imagens e políticas.

Se voltando para a situação particular da Amazônia, Haraway destaca seus povos indígenas, tanto pela milenar ocupação do território que desfaz o mito da floresta intocada⁴⁶ — com novas narrativas sobre a ecologia social das florestas e a “engenharia ambiental” de seus habitantes —, quanto pelas novas

42 Ibidem, p.82.

43 Ibidem, p.83.

44 Ibidem, p.84.

45 Idem.

46 Uma pesquisa ainda em aberto, o grau de intervenção humana nos territórios florestais amazônicos tem se mostrado muito maior do que a imaginação euro-moderno-colonial poderia conceber. Evidências apontam assentamentos milenares, com intervenção proposital na seleção de espécies frutíferas e na produção de solos de “terra preta” rica em resíduos orgânicos para fertilização

organizações das últimas décadas lutando por território e direitos como “sujeito histórico-mundial preparado para interações locais/globais” e como “poderosos coletivos” tecno-orgânicos de humanos e não-humanos⁴⁷. A *política de articulação da natureza social* compõe coletivos cuja autoridade não deriva de um “poder de representação” ou qualquer estatuto ontológico “naturalmente” privilegiado (os mais “naturais”, mais “originários”, mais “nativos” ou “autênticos”). Os povos da floresta falam *com* (e não *por*) ela na medida em que constituem uma “relacionalidade social na qual a floresta é uma parceira integral, uma parte da corporificação natural/social”⁴⁸. É a articulação entre os diferentes tipos (e espécies) de atores que confere autoridade política a esses agentes coletivos. A biosfera amazônica é uma “entidade coletiva irreduzivelmente humana/não-humana”, dependente, hoje, de uma *luta coletiva* que articula dois “objetos discursivos contestados corporificados no mundo material”: a natureza e a justiça — e a luta por sobrevivência através de “justiça ecológica” dos povos das florestas⁴⁹. A “natureza social é o nexo que eu chamei natureza artefactual”⁵⁰, um conjunto de nós de sempre-já históricos e heterogêneos processos e agentes em articulações (e são essas articulações que podem potencialmente sustentar asserções políticas!). Aqui, a teoria é *corporal*, os corpos são *coletivos*, e ambos são *artefatos históricos* constituídos por atores humanos e não-humanos. Esta figura difratada, contudo, não deixa de ser “*nossa ficção*”, a qual podemos, responsavelmente, oferecer aos povos amazônicos. E apenas estes podem decidir se desejam ou não se conectar a ela para articular alianças possíveis, capazes de defender formas de vida e as florestas tropicais em que se manifestam.

Na política-semiótica *articulatória*, os antes apenas “representados” podem “aspirar” a se tornar co-atores em práticas articuladas entre “parceiros sociais dissimilares/*unlike*, mas unidos/*joined*”⁵¹. No “mundo da representação”, a natureza objetiva e associal a se representar se torna uma entidade legitimadora de carreiras: “A natureza legitima a carreira do cientista, como o Oriente justifica as

(Ver Gorvett, Como fértil terra preta da Amazônia está revelando segredos da floresta, *BBC*, 2024). De fato, parece que a natureza de uns pode vir a ser a alta-tecnologia de outros...

47 Idem.

48 Ibidem, p.85.

49 Ibidem, p.86.

50 Idem.

51 Ibidem, p.87.

práticas representacionais do Orientalista, mesmo que a ‘Natureza’ e o ‘Oriente’ sejam precisamente os produtos da prática constitutiva de cientistas e orientalistas”⁵². Difrutada pela figura da Amazônia sócio-natural, a imagem do “espaço real” Terra pode deixar de ser uma origem que dá “garantias legais” a nossas práticas cognitivo-representacionais, para se tornar um espaço de articulações entre objetos que nunca são passivos (eles não estão “lá fora” esperando receber um nome!). O “espaço real” difrutado articula objetos-malandros/*trickster-objects*, com sua capacidade de agenciamento situada e limitada, conformando, conjuntamente com nossas agências articulatórias, limites/*boundaries* sempre transitórios e instáveis (ou meta-estáveis). Talvez todas as nossas interações com nossos parceiros não-humanos demandem formas sócio-linguísticas de mediação (formas coletivas historicamente compartilhadas de produção de sentido), mas isso não retira a agencialidade desses parceiros, mesmo que essa tome um tom “negativo” da nossa perspectiva, marcado pela “indecidibilidade, [e] a obstinação/*wiliness* de outros atores”⁵³ que não se curvam a nossas figuras, mas que resistem. Essa negatividade é o que dá a Haraway “confiança na *realidade* e, logo, na *irrepresentabilidade* última da natureza social, e que me [a nós também] faz suspeitar de doutrinas da representação e objetividade”⁵⁴.

A questão é insistir no mundo, em *Terra* como natureza social e artefactual, articulada a partir de práticas de produção de conhecimento sempre situadas, “amigáveis/*friendly* à ciência”⁵⁵, mas sem jamais ignorar a política-histórico-semiótica que contextualiza e constitui tais práticas. Quem deixa o mundo escapar por entre os dedos são os acólitos das “doutrinas de representação e objetividade científica”. Devemos evitar movimentos retrógrados “de volta” à natureza” e insistir em nos mover para “outro-lugar/*elsewhere*, através e por dentro de uma natureza social artefactual”⁵⁶. Com os saberes da ciência moderna-ocidental e das críticas dos estudos das ciências, foi possível tanto reconhecer a “natureza” representável/representacional de “nossa natureza moderna”, quanto expor seus limites e insuficiências. Não é hora de abandonar o mundo (o espaço real!), nem de prometer “retornos” a ele (pois já deveríamos estar cansados de jardins aos quais retornar).

52 Ibidem, p.88.

53 Ibidem, p.89.

54 Idem.

55 Ibidem, p.90.

56 Idem.

“Nós *estamos todos* em fronteiras/*borderlands* quiasmáticas, áreas liminares, onde novas formas, novos tipos de ação e responsabilidade, estão em gestação no mundo”⁵⁷. Essa é a *natureza articulada/articulável* exposta pela difração da terra — que não a faz menos real, mas que lhe confere a *realidade consequente dos artefatos*. “É isso que a articulação faz; ela é sempre uma prática não-inocente, contestável; os parceiros nunca estão definidos de uma vez por todas. Não há ventriloquismo aqui”⁵⁸. A articulação é um *trabalho* que requer cuidado/*care* e atenção, assim como compromisso e engajamento em um campo coletivo de restrições/*constraints*:

*Articulação é trabalho, e este pode falhar. Todas as pessoas que se importam/care cognitiva, emocional e politicamente, devem articular sua posição em um campo delimitado/constrained por uma nova entidade coletiva, constituída/made up por pessoas indígenas e outros atores humanos e não-humanos. Compromisso e engajamento, não sua invalidação, em um coletivo emergente são as condições de unir práticas de produção-de-conhecimento e de construção-de-mundo. Isso é conhecimento situado no Novo Mundo; ele se constrói a partir de/se baseia em/builds on lugares comuns/common places, e ele toma rumos inesperados.*⁵⁹

Ao atar práticas mundificantes/*world-building* e cognoscentes/*knowledge-producing* a partir de um engajamento compromissado/*committed engagement*, começamos a tecer a *matéria* desse espaço real-artefatual (o “espaço A” difratado). O novo mundo como Terra-real difratada (ou cuirizada) é um domínio de articulações práticas e interacionais, as quais sempre se iniciam a partir de espaços situados restritos/*constrained*, mas podem ir bem longe: até a “natureza inteira/*wholly*”, feita meio sócio-político-histórico-ambiental incompleto e dessacralizado/*un(w)ho(l)ly* (sempre aberta a novas articulações profanas e monstruosas); ou mesmo até os *mundos-SF*, o promissor elsewhere/*alhures apontado pelo hilotrópico nascimento de uma (in’)humanidade imprópria/inapropriada /inappropriate/d*.

57 Idem.

58 Ibidem, p.91.

59 Idem.

4. Difrutando os Quadrantes Externo e Interno: uma neo-natologia de corpos extraterrenos

O segundo quadrante, do espaço externo para uma neo-natologia de ETs e terráqueos, parte da figura do “espaço” para sobre ela operar um novo procedimento difrativo. O “espaço e os trópicos são ambos figuras utópicas tópicas/*utopian topical* em imaginações ocidentais, e suas propriedades opostas significam dialeticamente origens e fins para a criatura cuja vida mundana está supostamente fora de ambos: o homem moderno ou pós-moderno”⁶⁰. Se a selva/*wilderness* fazia a vez de origem mítica (os trópicos de matas densas, úmidas e sensorialmente/*sensuously* estimulantes), o espaço extraterrestre é a figura do futuro nos tropos moderno-ocidentais. A conquista espacial do homem reconstitui o imaginário masculinista-militarista da guerra fria e suas corridas (quem lança o projétil mais longe? quem tem o foguete maior?); mas seria possível “difratar a corrida”? Repensar a externalidade espacial através de “outros extraterrestres/aliens/ETs inapropriados” em vez de partir da experiência de míticos homens lançando-se ao espaço em êxtase com seu poder de auto-projeção (projetar-se para fora de sua “mãe-Terra” e vê-la de longe, pequena e insignificante)?

A figura do ciborgue reaparece aqui, ainda sob o imaginário hegemônico, conforme “naves espaciais, tecnologias de gravação e rastreamento, animais e seres humanos são agregados como ciborgues em um teatro de guerra, ciência e cultura popular”⁶¹. O icônico ciborgue do imaginário extraterreno-padrão era então um “chimpanzé telemetricamente implantado”, HAM, neonato ciborgue do programa espacial, “nascido da interface entre os sonhos sobre um autômato tecnicista e a autonomia masculinista”⁶². Enquanto um conspécifico imaginário apertava uma mão humana e ratificava o lugar ecológico da humanidade (externa controladora do meio natural):

*o chimpanzé ET modelava sistemas de comunicação cibernéticos sociais e técnicos, que permitiam ao homem pós-moderno escapar tanto da selva como da cidade, em um impulso para o futuro tornado possível pelos sistemas sócio-técnicos da “era da informação” em um contexto global de ameaça de guerra nuclear.*⁶³

60 Ibidem, p.92.

61 Ibidem, p.94.

62 Idem.

63 Ibidem, p.94-5.

Paradigmáticos aliens e nativos (reencenando a dialética alienígena/indígena), os chimpanzés serviam de modelo para a comunicação entre humanos e natureza mediada pela ciência, assim como para os sistemas cibernéticos que permitiriam aos humanos escapar da bolha protegida de nossas existências planetárias. O “espaço B” do extraterreno/extraterrestre não é a negação explícita do espaço terreno (não-A), mas seu “contrário”, seu fora. Como um tipo de oposto complementar, o terreno-espacial fornece a continuidade da grande narrativa da antropogênese: a humanidade lançadora de projéteis começa em uma savana no Pleistoceno africano caçando megafauna com suas pedras afiadas atiradas à distância — um imaginário parente equidistante entre nós e os chimpanzés? —, e culmina com o lançamento de um foguete espacial qua “pro-jeto/pro-jétíl/*project(ile)* do homem *self-made* renascido no processo de ser arrebatado [*raptured*] para fora da história”⁶⁴.

Difratando o projeto/projétíl/*project(ile)*, podemos traçar outras trajetórias, tanto para os percursos de nossos parentes ciborgues lançados para o espaço, quanto para os projetos de nossas existências coletivas. Haraway entra em um grupo chamado *Surrogate Others*/Outros Substitutos. Desvinculado do projeto de substitutos/*understudies* do homem para lançamento extraterrestre, esses *surrogates*/substitutos são gestantes “para um outro tipo de emergência”⁶⁵. Em um protesto de “dia das mães e outros [*mothers’ and others’ day*]” de 1987, o grupo, com “afinidades eco-feministas”, saiu pelas ruas com camisas com a imagem da Terra — a famosa “*whole Earth*” — estampada e os dizeres “AME SUA MÃE/LOVE YOUR MOTHER”. A ironia difracional de organizar um protesto anti-nuclear e antimilitarista com a piegas declaração de amor às mães (metonimicamente referida à Terra, a “maior de todas as mães”, matriz de nossas existências da qual deveríamos cuidar!), enquanto se trazia estampada a imagem da Terra vista de fora, produzida por esse mesmo aparato de guerra metido no projeto militarista da guerra nuclear mundial e da corrida espacial com aprimoramento de foguetes e satélites de monitoramento... Foi essa ironia que levou Haraway ao protesto, hiper-consciente da produção de um “novo coletivo” a partir da “câmera de satélite e da ação pela paz em Nevada”, processando pequenas diferenças consequentes: isto é difração, processamento de diferenças, “ação semiótica, é sobre formas de vida”⁶⁶.

64 Ibidem, p.95.

65 Ibidem, p.96.

66 Idem.

A questão aí passa longe de uma ação impressionante, capaz de mudar os rumos da corrida bélico-espacial-estadunidense. No “parto substitutivo/*surrogate birthing*”, monstros e outros seres impróprios podem ser dados à luz, conforme significados corporificados são difratados e realocados: esse é um “trabalho crucial [...] na gestação de um novo mundo. É política cultural e é política tecnocientífica. A tarefa é construir coletivos mais potentes/*powerful* em tempos perigosamente pouco promissores/*unpromising*”⁶⁷.

A operação de difração sobre o espaço externo (B) nos desloca dos ciborgues antropoides visitando o espaço para o movimento de *maternagem-substitutiva* e *gestação-suplementar*, semioticamente reorganizando eco-feministas e pacifistas anti-guerra para criarem outras figuras de nosso planeta: não apenas visto do espaço como origem a se deixar para trás, mas como parte de nossa coletividade que exige cuidados responsáveis. Difratado o extraterrestre, nos vemos diante de uma *neo-natologia para novas criaturas ciborgues*, monstruosas combinações terranas/extraterranas. A partir de tais figuras xenogenéticas⁶⁸ (as *Surrogate Others* de Haraway), podemos retrair a própria relação de oposição complementar entre a terra-real e o extraterreno-externo (espaços A e B): conectadas umbilicalmente por uma gestação-*surrogate*, ambas são difrações da figura de uma natureza utópica a ser domada pelos sonhos de conquista antropogenéticos, ambas são formas de um *alhures/elsewhere/u-topos artefactual*, um *construto xenogenético* que, em sua refiguração difrativa, *reconfigura a própria forma do humano*. Estamos diante de novos coletivos em que a externalidade não pode ser tomada como um não-lugar, pois se torna suplemento-constitutivo desses novos seres, outros inapropriados, nem bem ETs, nem bem terráqueos...

O terceiro quadrante, do espaço interno (não-B), é o “corpo biomédico” e lida com a possibilidade de uma *neo-natologia do corpo*. Também em contiguidade com as narrativas hegemônicas anteriores, o corpo é figurado como “matéria estelar que ganhou vida/*stuff of the stars [that] has come alive*”⁶⁹, peça central de uma grande narrativa cósmica que se inicia com a síntese de átomos pesados em núcleos estelares e culmina com a Terra, suas formas de vida e, em particular, a forma humana capaz de tomar consciência de seu

67 Ibidem, p.97-8.

68 Xenogênese é um “conceito” SF desenvolvido na trilogia de mesmo nome escrita por Octavia Butler, que inclui os livros *Despertar*, *Ritos de Passagem* e *Imago*.

69 Ibidem, p.78.

legado estelar. Esses “dois quadrantes [B, externo; e não-B, interno] de nosso quadro semiótico estão multiplamente ligados nos heterogêneos aparatos de produção corporal da tecnociência”⁷⁰. Nas fronteiras últimas da alta tecnologia, os espaços externo/interno se conectam visual e verbalmente: enquanto tentamos colonizar espaços alienígenas no espaço externo, o espaço interno funciona por uma guerra constante de nossas *alien-like* estranhas células imunológicas contra os invasores de nosso corpo/eu/self. “Imagens do sistema imunológico como um campo de batalha abundam em seções científicas de jornais diários e revistas populares”, mais uma vez a semântica de invasão e defesa, de *selves/egos* vitoriosos em meio a um ambiente hostil, realizando as fantasias teleológicas de uma autoprodução que apenas se sustenta pela eliminação e controle das diferenças, que percebe toda externalidade como ameaça a ser conquistada, apropriada, absorvida. “A perfeição do eu/self ‘vitorioso’ completamente defendido é uma fantasia arrepiante, ligando amebas fagocitárias e homens viajantes-espaciais canibalizando a terra em uma teleologia evolucionária de extraterrestrialismo pós-apocalíptico”⁷¹.

A teleologia do *self-made man* se une àquela do *self-making immune-self*, conforme a imagem da autogeração e da individuação bélico-defensiva se tornam centrais “para discursos institucionalizados na biomedicina, guerra e negócios”⁷². Os atravessamentos discursivos se põem entre os complexos militar, farmacológico e de entretenimento: as “culturas militares se valem simbioticamente do discurso do sistema imunológico, assim como planejadores estratégicos retiram diretamente de e contribuem para as práticas de vídeo-games e ficção científica”⁷³; e tudo isso só se fez ainda mais intenso nos contextos cruzados de “guerra ao terror” (invasores ocultos dos sistemas de defesa da “imunologia” do Estado-nação), ciberterrorismo (hackers confeccionando “programas virais” para comprometer a operação de outros sistemas cibernéticos) e pandemia global (onde a própria gestão pública da crise e da sociedade adotou discursos epidemiológicos em meio a uma imunopolítica de “*lockdown*”, “distanciamento social”, “imunidade de rebanho” etc.).

70 Ibidem, p.99.

71 Ibidem, p.100.

72 Idem.

73 Ibidem, p.101.

Há, todavia, zonas de difração e contestação tecnocientíficas, áreas de “ciência como cultura no quadro/frame amoderno da natureza social”, onde os monstros promissores do espaço interno podem se fazer manifestos: “(1) teorias da função imunológica baseadas em pesquisas laboratoriais, e (2) novos aparatos de produção de conhecimento sendo confeccionados por Pessoas com AIDS e seus aliados heterogêneos”⁷⁴. Esses “monstros” (ou outros inapropriados) de alhures/elsewhere de-monstram possibilidades outras de existir e fazer-mundo. Gerados por difrações sobre um determinado modelo imuno-defensivo de eu/self, eles seguem gerando “visões distintamente difratadas do eu/self, evidentes em crenças e práticas em relação à vulnerabilidade e mortalidade”⁷⁵.

Na zona das pesquisas imunológicas, Haraway nos traz que:

*O corpo hierárquico de antigamente cedeu lugar a um corpo-rede de incrível complexidade e especificidade. O sistema imunológico está em toda parte e em lugar nenhum. Suas especificidades são indefinidas, se não infinitas, e surgem aleatoriamente; contudo essas extraordinárias variações são os meios críticos de manter a coerência corporal. Nos anos 1970 [...] Niels Jerne propôs uma teoria da autorregulação do sistema imunológico, chamada de teoria da rede/network [...]. Jerne propôs que cada molécula de anti-corpo deve ser capaz de atuar funcionalmente tanto como anticorpo para algum antígeno, quanto como antígeno para a produção de um anticorpo para si mesma, em outra região de “si mesma” [...]. A concatenação de conhecimentos internos e respostas continua indefinidamente, em uma série de espelhamentos internos de sítios em moléculas de imunoglobulinas, de tal forma que o sistema imunológico estaria sempre em um estado de resposta interna dinâmica. Ele nunca estaria passivo, “em repouso”, esperando um estímulo ativador de um exterior hostil. Em certo sentido, não poderia haver uma estrutura antigênica externa, nenhum “invasor”, que o sistema imunológico não tivesse já “visto” e espelhado [mirrored] internamente. Substituído por jogos sutis de leituras e respostas parcialmente espelhadas, eu/self e outro perdem sua qualidade oposicional racionalística. Uma concepção radical de conexão emerge inesperadamente no cerne do eu/self defendido.*⁷⁶

74 Ibidem, p.102.

75 Idem.

76 Ibidem, p.104.

Do interior do *self* militarmente embarreirado, difrata-se um sistema de conexões neuro-endócrino-imunológicas altamente coordenado no interior de corpos-redes cujas células imunológicas compõem elas mesmas um jogo linguageiro de espelhamentos e reescritura de sinais a partir de seus genomas dinamicamente re-editáveis. Na concatenação de reconhecimentos-e-respostas internos, o sistema se autorregula, produzindo uma interioridade dinâmica, *sem* “exterior adequado/*proper*”, uma vez que a alteridade está sendo reproduzida continuamente em padrões de identificação recorrentes entre pares de antígeno-anticorpo. A refiguração radical da interioridade a partir de uma emergente noção imunológica de *conexão* e *rede* torna *self* e outro, dentro e fora, intrinsecamente co-constitutivos. A narrativa se completa com o movimento *ACT UP* e as complexas articulações de corpos que esses ativistas constroem para garantir saúde a pessoas imunodeficientes em um espaço social imunodeficitário, que segrega corpos e amplifica riscos para alguns, enquanto privatiza e mercantiliza as “soluções” farmacotécnicas.

A AIDS Coalition to Unleash Power (ACT UP) é um coletivo construído a partir de muitas articulações entre atores de tipos distintos — por exemplo, ativistas, máquinas biomédicas, burocracias governamentais, mundos gays e lésbicos, comunidades racializadas/of color, conferências científicas, organismos experimentais, prefeitos, redes de informação e ação internacionais, camisinhas e diques de borracha [dental dams], computadores, médicos, usuários de drogas injetáveis, companhias farmacêuticas, editores, componentes virais, consultores, práticas sexuais inovadoras, dançarinos, tecnologias de mídia, clubes de compras, artistas gráficos, cientistas, amantes, advogados e mais. Os atores, todavia, não são todos iguais. ACT UP tem um centro de animação — Pessoas com AIDS, que estão para o dano causado pela AIDS e o trabalho por restauração da saúde ao redor do mundo, como os povos indígenas da Amazônia estão para a destruição florestal e o ambientalismo. Esses são os atores com os quais outros devem se articular. Essa estrutura de ação é uma consequência fundamental de aprender a visualizar o corpo artefactual heterogêneo que é nossa “natureza social”, em vez de estreitar nossa visão sobre “salvar a natureza” e repelir invasores alienígenas de um orgânico e imaculado éden chamado eu/self autônomo.⁷⁷

77 Ibidem, p.104-5.

A refiguração do coletivo como natureza social-artefatual retorna aqui também, sendo religada aos *selves* que pululam em seu interior, estes já não mais autônomos em sua autogeração autopoietica e automanutenção imunodefensiva, porém *conectados* em redes de relação simpoiéticas de múltiplos níveis, do imunológico ao de práticas e políticas de saúde pública. O projeto de “salvar-a-natureza” vem dando errado desde a queda do Éden, é tempo de mudar de estratégia, de *articular naturezas outras* — o que se aplica à Terra e seus coletivos sócio-naturais, ao espaço extraterrestre com seus coletivos xenogênicos e extraterreiros, assim como aos corpos/eus/*selves* do espaço interno e aos outros impróprios/inapropriados/*inappropriate/d* dos mundos-SF.

O mundo interno e o modo biomédico de produção de corpos não podem mais ser os mesmos após sua difração. “As mudanças abrangem os domínios epistemológico, comercial, jurídico e espiritual”⁷⁸, conforme são modificadas as formas de produção de conhecimento, desafiando o monopólio científico e problematizando as formas de distribuição de seus frutos fármaco-industriais (quando os agentes afetados são incorporados aos processos de decisão e desenho de pesquisas). “Como vão coabitar os híbridos evidentemente amodernos das práticas de cura/*healing* do corpo social emergente? E quem vai viver ou morrer como resultado dessas práticas nada-inocentes/*very non-innocent?*”⁷⁹ A modificação desse espaço interno por sua difração/cuirização expõe outros modos de produzir corpos/eus/*selves*, os quais dependem de uma relacionalidade imunológica multinivelada. Conforme o espaço interno é difratado, sua relação com a externalidade também se altera, o que o coliga à figura difratada do espaço extraterrestre. B e não-B são agora termos em “tensão dialética” co-constituente, em vez de termos substanciais em uma oposição que apenas se resolveria pela conquista sempre expansiva e projetiva do *Eu*-autopositor em todos os espaços. Há uma *extraterrestrialidade/aliennness que nos constitui*, na medida em que o sistema de reconhecimento comunicacional que põe as fronteiras dinâmicas e permeáveis do eu/self só pode fazê-lo por esse íntimo contato com seus outros, *os simbiotes e comensais que coabitam o espaço interno* — e que nos “treinam” para impedir hipersensibilidades alérgicas e transtornos autoimunes. Somos resultado de uma *xenogênese* em nível imunológico, assim como participamos como pares na constituição xenogenética de outros corpos. Quando o eu/self é compreendido como sempre já gestado por seu fora, temos também aqui bases para a refiguração de nossa

78 Ibidem, p.105.

79 Idem.

relação com o terreno/extraterreno: não mais a projeção conquistadora, mas a *coligação gestadora* que abre *caminhos neo-natológicos* para outros impróprios/inapropriados/inappropriate/d.

5. A Articulação SF do Método: as virtudes fabulativas do espaço virtual

E aqui, no quarto quadrante do espaço virtual SF, retornamos à figura ciborgue mais uma vez. Observamos algumas de suas difrações e fomos capazes de ver a *explicitação do método difracional a partir da figura-ciborgue do dispositivo tetra-quadrático de Greimas*, aqui também difratada harawayanamente. O espaço virtual, não-A, é um espaço de exposição de articulações, um espaço que apenas se constitui por articular-se, cuja “substancialidade” é artefaturalmente articulatória. “Articulação não é uma questão/matéria/matter simples. A linguagem é efeito da articulação, assim como são os corpos. Os articulata são animais segmentados/jointed; [...] são remendados/cobbled together. É a condição de ser articulado”⁸⁰. Rejuntados, modulados e remoduláveis, os articulados encarnam o princípio de articulação, de-monstrando a artefaturalidade do meio natural. Mesmo sem linguagem (no sentido humano), a “natureza é altamente articulada/eloquente/articulate”, conformando um mundo com “um número indecível de modos e sítios onde conexões podem ser feitas”⁸¹, um mundo cujas superfícies não são planas, mas plenas de apêndices e rugosidades geradoras de fricções (lugares propícios, entretanto, para se articular). “Articular é significar. É pôr coisas juntas, coisas assustadoras, coisas arriscadas, coisas contingentes”, coisas que podem receber o transitório nome “nós”. “Nós articulamos; logo somos”, mesmo que o “nós” aqui seja mais uma “questão remonstrativa/contestatória/remonstrative”⁸²: uma *pergunta em aberto* sobre as histórias singulares *de articulação de cada coletivo-corporal*, a qual *se repete e repete, em protesto contra uma afirmação final qualquer* (de que o eu ou nós é isso e ponto).

Articulando, produzimos imagens/figuras virtuais: “a imagem virtual é formada pela aparente, mas não real/actual, convergência de raios”, de tal modo que “o virtual tem efeitos por parecer/seeming, não por ser/being”⁸³.

80 Ibidem, p.105-6.

81 Ibidem, p.106.

82 Idem.

83 Idem.

O espaço virtual “*parece ser a negação do espaço real; os domínios de SF parecem a negação das regiões terrestres. Mas talvez essa negação seja a real ilusão*”⁸⁴. O virtual *então não é simples oposto do real*, nem a negação pós-moderna transgressiva/subversiva da realidade. Se o virtual deriva de *virtude/virtus*, seria o virtual o espaço preenchido por *virtudes*, por *formas de excelência/capacidades/poderes* de ter efeitos?

É aqui, na des-virtuação do real pelas práticas SF (que desenham esse espaço não-A pela *operação difrativa/(des-)virtuativa* do artefato semiótico de Haraway sobre o espaço A terrano), que a difração fica mais explícita. O virtual é já um espaço que só pode aparecer pela geração de imagens difrativas — um *negativo do real* que não chega a ser ilusório, mas *outro real* —, que *dis-torcem* o real e a figura da natureza a ele associada. A possibilidade de rearticulação de feixes (luminosos ou não) em figuras outras abre o campo teórico-prático de um novo materialismo comprometido com a refiguração do real/natural/material a partir do engajamento com aparatos tecno-semióticos distintos: estes não representam um mundo lá fora, pois são *aparatos articulatórios*, feitos *da mesma matéria/stuff que compõe a carne do mundo* e apenas capazes de fazer-ver o mundo por uma interação mutuamente constitutiva com este; são aparatos de *de-monstração*, que apresentam o mundo ao torcer a divisão ontologicamente purista entre o antropo-técnico e a natureza passiva e objetiva que aguarda sua intervenção. Ao *de-monstrar* desfazendo limites de segurança ontológica, esses aparatos apresentam (sem representar, sem criar duplos imagéticos, reflexos sem eficácia/*virtude* alguma) um mundo monstruoso, em que eles mesmos *se combinam/articulam aos monstros ontológicos que permitem nascer*. O virtual ressignifica a história de articulações mundanas e de práticas de mundificação; ele permite *trans-ver/-situar/-si(gh)* tear os corpos e objetos tomados por naturais, culturais ou artificiais como *sempre-já* sendo *construtos materiais SF*, resultados de composições/articulações entre entidades de capacidades determinativas e estatutos ontológicos distintos. É um fato que tudo é uma ficção, porém nem toda ficção tem o mesmo estatuto ou capacidade de determinar a realidade ao seu redor: de anjos ao éter; da virilidade masculina à castidade feminina (ambas formas de *virtude*); do valor-dinheiro na circulação da economia produtiva ao valor-sexual na circulação libidinal da economia reprodutiva; dos macro-táxons biológicos às tabelas físicas de partículas virtuais.

84 Idem.

O que importa em todos esses casos é a “virtude de articulação — isto é, o poder de produzir conexão”⁸⁵.

Adentrando a esfera virtual por outro lado, temos o ciberespaço, uma “comunidade virtual consensual” e, portanto, também, “uma comunidade de crença”. Na concepção *cyberpunk* de William Gibson, o ciberespaço é uma “alucinação consensual experienciada diariamente por bilhões”⁸⁶, um espaço de complexidade, conexão e articulação inimagináveis. Na figuração que hegemonizou o imaginário social, o ciberespaço se torna “a realidade virtual da paranoia”, da “crença na invariável/*unrelieved* densidade de conexão, demandando, se se pretende sobreviver, retração/*withdrawal* e defesa até a morte. O eu/*self* defendido re-emerge no coração da relacionalidade”⁸⁷. A ciber-paranoia se torna o afeto primordial de uma virtualidade de conexões vigilantes, em que todos podem nos ver e podemos ver a todos, ela devém a “condição de impossibilidade de permanecer articulado”, uma vez que apenas aqueles prontos a defender seus *selves* virtuais podem impedir o engolfamento pela nuvem de dados conectivos que imobiliza qualquer ação⁸⁸.

Para não recair no modelo imuno-defensivo do eu/*self* (o rebatimento do espaço não-B no não-A), precisamos de uma guia/bússola para emergir do “encontro com articulata artefatuais para um outro-lugar/*elsewhere* habitável”⁸⁹. Aqui se inicia a operação difrativa sobre o espaço virtual para reconfigurar sua forma co-dependente das narrativas hegemônicas que estruturam os demais espaços (o *self* imunodefensivo, o *anthropos* autoprojetado para o espaço externo e a terra como natureza a se salvar e jardim murado ao qual retornar). A difração das demais figuras já preparou o terreno para esse quarto quadrante, de tal modo que a *virtualidade e os mundos-SF* começam a aparecer aqui como a (im)própria articulação da difração em uma seção espacializada. O *virtual* é a possibilidade que *espreita cada trecho real/natural/material como suas difrações (ou reestruturações ou rearticulações ou refigurações)*. O guia para evitar o enclausuramento paranoide no espaço virtual é o *SF, como método de leitura/escritura e de geração de mundos*. As “convenções SF convidam [...] a reescrever enquanto se lê”, motivando o engajamento ativo “com imagens, tramas,

85 Ibidem, p.107.

86 Gibson, William, *Neuromancer*, New York: Ace, 1986, apud Haraway, op. cit., 2004, p.107.

87 Haraway, op.cit., 2004, p.107.

88 Idem.

89 Idem.

figuras, dispositivos, movimentos linguísticos, em suma, com mundos, nem tanto para fazê-los sair ‘corretamente/*right*’, mas para fazê-los se mover ‘diferentemente’⁹⁰. Esses mundos SF demandam “testes de virtude”, uma verificação “se suas articulações funcionam — e para que funcionam/*work*”. Os testes devem ser feitos de acordo com uma “semiose política” compatível com o modelo de recepção/interação de leituras SF: ou seja, de modo simultaneamente “generoso e desconfiado”⁹¹. Em vez do virtual como conjunto infinito de conexões paranoides, um coletivo de *virtude*, pleno de potencial de afecção, logo, perigoso para incautos visitantes. Nos aproximamos do virtual a partir da *suspeita generosa*, nos *articulando irônica-/crítica-/artefatual-mente com as figuras* literais e literárias que entram em relação com nosso percurso por esse espaço. As práticas-SF efetivam difrações, perturbando textos-objetos encontrados e fazendo-os mover-se diferentemente, a fim de extrair informação da alteração dos movimentos e de experimentar com o possível.

Assim procede a navegação desse espaço, sem espaços seguros, mas com “muitos mapas de possibilidades”⁹² e possibilidades de mapeamento. A “ameaça” da conexão excessiva abre comportas para riscos e potenciais no interior do sistema. Na história/*story* de John Varley, *Press Enter*, o protagonista se vê diante de uma grande trama conspiratória que parece ameaçá-lo por todas as direções — o modelo paranoico da “conexão infinita e alienígena”. Tudo desanda com a morte de Lisa Foo, “sua amada”, “fodida para além de qualquer reconhecimento” em uma cena de gráfica violência contra o corpo feminizado e racializado da personagem⁹³. Aí está a oportunidade perfeita para uma re-escritura diferencial/oposicional ou difrativa por Haraway: a questão é “rearticular a figura de Lisa Foo para desestabilizar a lógica fechada de uma misoginia racista mortal”⁹⁴.

Enquanto o campo de rearticulação permanecer aberto, será possível atuar sobre seus densos emaranhados de conexões. O “sistema de conexões [que] se fecha sobre si mesmo”, no qual a “ação simbólica se torna perfeita”⁹⁵, é um

90 Ibidem, p.108.

91 Idem.

92 Ibidem, p.109.

93 Idem.

94 Ibidem, p.110.

95 Idem.

universo acabado de unidade que apenas pode gerar respostas paranoicas. Apertar *enter* aí seria um erro. Contudo, em cenários de abertura articulatória, apertar *enter* é uma “possibilidade inescapável para mudar mapas do mundo, para construir novos coletivos” a partir de uma multidão de agentes humanos e não-humanos. Para longe do final feliz (e último!), a difração nos conduz ao “não-final”, a uma “*non-ending*” articulação de linhas de tensão sutis que mantêm em jogo uma “esperança improvável”, pois o “mundo não está cheio” e a “imagem sagrada do mesmo não está a caminho”⁹⁶.

O ciborgue, grande agente *cyberpunk* do ciberespaço, faz seu retorno difracional quando relemos/reescrevemos Lisa Foo — imigrante vietnamita na Califórnia e hacker ciborgue — a partir da imagem *Cyborg* de 1989, pintada por Lynn Randolph para a exposição *A Return to Alien Roots*. Por uma semiótica arco-íris/*rainbow*, que Haraway apresenta no quarto quadrante de seu dispositivo semiótico, podemos mergulhar na figura ciborgue de Randolph, a qual exhibe a topografia da fronteira/*borderlands*, onde possibilidades combinatórias e recombinantes se apresentam. Na figura, uma jovem pesquisadora-estudante asiática (uma “mulher racializada/*of color*”, em termos estadunidenses, que aí toma o lugar de humana-genérica-e-universal) se senta diante de um teclado, nos encarando de volta. Seria ela outra Lisa Foo? Atrás dela há um quadro dividido em quatro, com três imagens de visualização da nossa galáxia e um quarto quadrante que parece conter a “figura” de um buraco negro. Seria o quarto quadrante o mesmo do espaço virtual e SF do aparato semiótico-difracional de Haraway? O buraco negro é um objeto que apenas “se dá-a-ver” para nossos complexos aparatos de visualização por sua capacidade difracional, por sua esmagadora força gravitacional capaz de dobrar (torcer/cuirizar) a própria luz em sua trajetória interestelar. O espaço virtual aqui se manifesta a partir da figura do poço gravitacional de um buraco negro, um dispositivo de mediação que puxa tudo para si, levando ao colapso (semiótico) pela excessivamente pesada rede de articulações. O quadro de Randolph mapeia “as articulações entre cosmos, animal, humano, máquina e paisagem em seus recursivos esqueletos sideral, ósseo, eletrônico e geológico”, que fazem implodir os espaços “real, externo, interno e virtual”⁹⁷. “Terra, aqui, agora, [...] *alhures/elsewhere*” é um nome para essa fronteira/*borderland* com uma “rica topografia de possibilidades combinatórias”⁹⁸.

96 Idem.

97 Idem.

98 Idem.

A exibição em que a ciborgue que reescreve Lisa Foo se apresentou, *A Return to Alien Roots*, provoca também rearticulações na trajetória difrativa que percorremos ao longo das “promessas dos monstros”. Retornar não ao jardim murado, mas a uma *raiz alienígena*, reconectando o mito originário da natureza com o fim de nosso circuito ciborgue que alienou/estranhou/cuirizou figuras diversas do natural: a natureza é alien, nossa potencialidade genérica está ela mesma na *capacidade/virtude de autoalienação*, de “auto”-*produzir-se-outramente/otherwise por articulações com corpos e coletivos outros*, provocando em cada ciclo reprodutivo novas conexões que deslocam “nossa natureza”, que a artificializam e artefatualizam para o uso por formas de vida *des-adaptadas*, ou adaptadas para alhures/*elsewhere*, para vidas em mundos-SF.

*Se o ciborgue mudou, também pode o mundo mudar. A ciborgue de Randolph está em conversação com o outro impróprio/inapropriado/inappropriate/d de Trinh Minh-ha, o ser pessoal e coletivo ao qual a história vedou a ilusão estratégica de auto-identidade. [...] Ela/e/S/he [a ciborgue] não é utópica ou imaginária; ela/e/s/he é virtual. Gerada, junto a outros ciborgues, pelo colapso uns nos outros do técnico, orgânico, mítico, textual e político, ela/e/s/he é constituída por articulações de diferenças críticas no interior e do lado de fora de cada figura. [...] Privilegiando os tons de vermelho, verde e ultravioleta, eu quero ler a Ciborgue de Randolph a partir de uma semiologia política arco-íris, por astutos/malandros/wily estudos transnacionais da tecnociência como estudos culturais.*⁹⁹

A ciborgue de Randolph, já uma reabertura rearticulante da ciborgue Lisa Foo, pode conversar (se articular?) com *outros impróprios/inapropriados*, esses seres virtuais pessoais-coletivos não-imaginários-nem-utópicos gestados no bucho da besta, onde colapsam articulações diferenciais tecno-orgânico-mítico-semiótico-políticas. Não apenas a ciborgue de Randolph, mas toda a operação do aparato tetra-quadrático greimasiano-harawayano exemplifica a “semiologia política arco-íris” dos estudos transnacionais (e transmundanos) das tecnociências *como estudos* (trans)culturais. A difração é uma *produção de ciborgues cuir/queer*, as criaturas que encarnam a lógica combinatória da natureza social em suas múltiplas espacialidades. A partir da difração reiterada, o arco-íris contido em um feixe luminoso “incolor” é exposto. *Colorir nossos aparatos teórico-práticos* (uma atividade tão cuir/queer) com as projeções

99 Ibidem, p.112.

semiótico-materiais do arco-íris aparece então como condição para o desenvolvimento da *virtude articulatória* (a “mais virtual” das virtudes), que permite *compor novos coletivos artefatuais-virtuais-ficcionais e naturais-reais-materiais*: isto é a semiótica arco-íris/*rainbow*, como uma arte e ciência das articulações que fazem diferença e dos modos de tomar responsabilidade por suas possibilidades para realidades outras.

Difratar é isso, tomar parte nas teias de articulação do real, perturbando-as e se tornando responsável/*accountable* pela cadeia de consequências que é trazida por tais ações. Aquele que difrata é sempre parte daquilo que difrata, assim como a ciborgue está sempre integrada aos circuitos que a alimentam e retroalimentam. Apertar o *enter* é só o início no jogo oposicional-diferencial-difracional, é só o modo de iniciar o “terceiro nascimento”, de dar à luz monstros promissores, sejam ciborgues cuir, companheiras trans-espécies ou criaturas/bichas/*critters* ctônicas. A continuidade desse jogo semiótico-material e linguístico-prático é aquilo com que *qualquer praticante da difração*, enquanto tecnologia da imaginação neo-material e teratológica, precisa se comprometer, mantendo atenção em todos os possíveis atores que podem nos surpreender a qualquer momento, o que inclui todes elus/nós/isso/*they/we/it*, toda a estranha multidão que é o mundo com que entabulamos esse diálogo de mútuas interferências “luminosas”-ondulatório-particuladas.

Difratando o ciber-dispositivo semiótico-material greimasiano-harawayano, nos tornamos capazes de de-*monstrar* as promissoras virtudes dos seres inapropriados e impróprios, sejam ciborgues, monstros, aliens, coletivos indígenas ou de pessoas com AIDS. A partir dessa operação, buscamos também expor o próprio método difracional como uma tecnologia da imaginação inicialmente desenvolvida por Donna Haraway, a qual segue, até o momento/*so far/SF*, produzindo novas imagens e figuras para uma atuação (e articulação) ético-estético-política coerente com as mutações do mundo contemporâneo.

Referências

- BARAD, K. *Meeting the Universe Halfway*. Durham & London: Duke University Press, 2007.
- BARAD, K. Performatividade queer da natureza. Trad.: Jorge Felipe Marçal. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 3, n. 11, p. 300–346, 2020.
- BRAIDOTTI, R. Teratologies. In: BUCHANAN, I.; COLEBROOK, C. (eds). *Deleuze and Feminist Theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000, pp. 156-172.
- FERREIRA, M. H. M. *Por uma Transcrítica Materialista: mapeando viragens em compromisso com um possível materialismo futuro*. 2025. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.
- GEERTS, E.; TUIN, I. Van Der. Diffraction & Reading Diffractively. *Matter*, v.2, n.1, pp.173-77, 2021.
- GOVERTT, Z. Como fértil terra preta da Amazônia está revelando segredos da floresta. *BBC*, 2024. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3n5c4eev>>. Acesso em: 25/03/2024.
- HARAWAY, D. J. A Game of Cat's Cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies. *Configurations*, v.2, n.1, p. 59–71, 1994.
- HARAWAY, D. J. Cyborgs and Symbionts: Living Together in the New World Order. Em: GRAY, C. (Ed.). *The Cyborg Handbook*. New York & London: Routledge, 1995, pp.xi-xx.
- HARAWAY, D. J. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, D. J. The Promises of Monsters: a regenerative politics for Inappropriate/d Others. In: _____. *The Haraway Reader*. New York & London: Routledge, 2004, p. 63-124.
- HARAWAY, D. J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham & London: Duke University Press, 2016.
- LIU, X. inappropriate(d) difference: notes on transnational feminist encounters. *Feminist review*, v. 129, n. 1, p. 88–92, 2021.
- SILVA, A. P. L. Da. *O Método FC da Simpoiese: A Teoria Situada de Donna Haraway no Chthuluceno*. 2024. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- VALENCIA, S. Do Queer ao Cuir: Geopolítica do estranhamento [ostranénie] e Epistêmica do Sul Glocal. Trad.: Fabrício Marçal Vilela. *Caderno Espaço Feminino*, v. 36, n. 1, p.14–35, 2023.